

'Nela, até agora, não pudemos saber que haja ouro, nem prata, nem coisa alguma de metal ou ferro; nem lho vimos'

(Pero Vaz de Caminha)

HCTR 186

A força do índio no imaginário europeu

Para o professor Frank Lestringant, da Sorbonne, o mito do 'selvagem', especialmente no índio brasileiro, influenciou os pressupostos humanísticos da filosofia das Luzes, base ideológica da Revolução Francesa

"O Brasil nasceu produzindo 'gags' dignas do melhor cinema de humor". O professor Frank Lestringant, titular, na Sorbonne, da cadeira de Literatura Francesa da Resnascença, esboça o riso ao fazer a afirmação. Riso que se torna irresistivelmente contagiante quando ele passa a justificar a assertiva com exemplos da caçada que os índios, alegres e epicuristas por natureza, iriam reinventar tão logo os europeus puseram os pés em terras brasileiras.

"Só que naquela chocarrice toda dos índios no contato com os europeus havia também o lado crítico, reflexivo, que iria desencadear a crise de consciência fundamental, crise que conduziria a Europa ao relativismo cultural, aos pressupostos humanísticos da filosofia das Luzes, base ideológica da Revolução Francesa."

O autor de best sellers que se situam entre a literatura, a antropologia e a história, como *Ecrire le monde à la Renaissance*, *Le Huguenot et le Sauvage*, *Le Canibale*, *grandeur et décadence*, resume, nesta entrevista, sua visão da trajetória do Brasil da descoberta aos dias de hoje.

Qual foi o impacto da descoberta do Brasil na cultura europeia?

O impacto, progressivo, foi considerável do ponto de vista cultural e se fez em larga medida por meio da França, pois os franceses conheceram o Brasil logo depois da expedição do Cabral. Pommier de Gonville, por exemplo, lá desembarcou em 1504. Em seguida, assistiu-se à chegada à Normandia dos primeiros índios brasileiros, entre os quais Isomeriq, trazido por Gonville, e que iria ser seu herdeiro. Numa reversão surrealista de papéis, Isomeriq iria se tornar nobre francês, cuja descendência se prolongou até o século 18. Mas o impacto determinante ocorreu no domínio filosófico, ao ser o mito do "selvagem" brasileiro desenvolvido por Montaigne em seus ensaios dois anos depois que Jean de Léry (participante da expedição de Villegagnon) publicou sua magistral *História de uma viagem em terra do Brasil*.

Concretamente, o mito serviu para quê?

Sobre a figura do índio tal como ele foi percebido ao vivo pelos viajantes-escritores e por Montaigne, graças aos testemunhos indiretos, foi projetado todo um imaginário antigo. Ocorreu, então,



OS NATIVOS NA EUROPA: índios brasileiros na homenagem ao rei Henri II, na França (de um quadro de autor anônimo, cerca de 1550)

por intermédio do índio, uma espécie de reencarnação do filósofo nu, do ginecologista da antiguidade. O novo ginecologista era aquele homem da natureza americana que vivia de maneira simples, praticava a poligamia, não conhecia a propriedade privada, não combatia por riquezas, etc. Desde quando descreveu pela primeira vez o índio e o riso crítico com que este encarava os usos e costumes europeus e os considerava absurdos, Léry desencadeou uma crise de consciência. Crise que dois séculos mais tarde e num outro contexto Montesquieu chamaria de "revolução sociológica". Montesquieu, nas *Cartas Persas*, apresenta o persa que descreve os costumes de Paris e reverte a questão posta pelos parisienses - "como se pode ser persa?" - em "como se pode ser parisiense?", e chega às mais delirantes conclusões.

O que o índio brasileiro reprovava no europeu?

Era por meio de questões falsamente ingênuas que o índio exercia a ironia crítica em face do europeu. Como este, por exemplo, não afirmava que o pau brasil era uma garantia contra a pobreza ou remédio contra a morte, o índio reprovava-o por colocar a vida em perigo nos oceanos para vir procurar o produto, destinado, apenas, à pintura de tecidos, ao luxo, enfim. Há em Léry a figura

do velho tupinambás que desmonta com escárnio a lógica mercantil de seus hóspedes e fica sem entender a razão da acumulação de riquezas das quais eles quase não usufruíam em vida e que iriam beneficiar descendentes ingratos... Aquilo era empresa de malucos! Na crítica do velho índio havia acentos do discurso voltairiano do século 18, ou seja, o melhor era ficar em casa a cultivar seu jardim...

Os europeus foram alertados para o fato de que os índios tinham pavor dos melancólicos, mesquinhos e resmungões

Daí o livro de Arinos de Mello Franco O Índio Brasileiro e a Revolução Francesa...

Para Mello Franco, Jean de Léry, com sua visão humanística impregnada pelo mito do índio brasileiro, era o predecessor imediato dos revolucionários, dos filósofos como Rousseau, Diderot. Mello Franco se enganou um pouco por excesso de simplificação, mas é certo que encontramos pela primeira vez no século 16, em Léry sobretudo e em Montaigne depois, aquelas idéias que se tornariam potencialmente revolucionárias e que decorriam da descoberta

do relativismo cultural. Ou seja, o que constituía a norma na Europa não era uma norma universal. Tal norma era arbitrária para povos que possuíam outras regras, outras maneiras de viver e que estavam, talvez, mais próximas da natureza e da razão.

No capítulo do riso, o índio foi mesmo à forra com o europeu?

Como no caso dos usos e costumes, o índio também reverteu a situação no capítulo do riso e pôs o europeu numa espécie de "jogo do bobo". O riso, que "é próprio do homem", como dizia Rabelais, ocupava lugar especial nas emoções dos índios, que levavam "vida feliz, serena e sem tormentos" entre festas, danças, cantos e guerras sem o outro objetivo que o de pôr à prova a coragem e a bravura, conforme escrevia Léry. Tanto que o mesmo Léry, na dúvida sobre se a Europa da época, às vésperas das guerras religiosas, não encerrava toda a tristeza e azedume do mundo, alertava os europeus desejosos de partir para o fato de que os índios tinham pavor dos melancólicos, mesquinhos e resmungões. Na maior parte do tempo, o riso indígena era "bon enfant", epicurista, constituía a expressão genuína da alegria de viver.

E como se operou a reversão do riso?

O índio e o europeu riram um do ou-

tro desde quando ambos se viram pela primeira vez. O europeu riu, não sem um certo desprezo, da simplicidade, das bobagens do índio expressas em gestos. A recíproca foi assegurada ao índio pelo europeu que falava comendo, assava a galinha no espeto giratório de pau, que emborcava com a piroga, etc. Depois, o europeu riu do índio que pegava a roupa desconhecida, vestia-se da cintura para cima e deixava a parte de baixo desnuda ou que se vestia corretamente, mas, nas reverências da despedida, levantava os panos por medo de estragá-los. Porém, logo o índio ia à forra, rindo do europeu que, após lavar a camisa, espalhava cinza de pau brasil em cima dela para embraquecê-la e esta, ao contrário, ficava vermelha. O índio se engasgava de rir vendo o europeu querendo comer bolinhas ensopadas de mandiocas à maneira nativa, ou seja, jogando-as de longe dentro da boca. No Novo Mundo, a produção de "gags" dignas do melhor cinema de humor surgiu com o Brasil. Brasil que foi também pioneiro nas cenas surrealistas de strip-tease do homem ocidental.

Cinco séculos depois da descoberta, como a Europa vê o Brasil?

É difícil não cair nos estereótipos. Brasil terra de contrastes, como disse Roger Bastide, em que, por exemplo, uma São Paulo nova e futurista ladeia as ruínas de uma velha São Paulo - aquele que teve tanto charme, sobretudo o centro. De modo geral, entre muitos europeus interessados pelo Brasil predomina a impressão de que o país é vitimado por enormes desperdícios de recursos humanos e naturais. Sente-se, diante disso, uma sensação de fracasso. Porém, ao mesmo tempo, nós nos perguntamos se o Brasil não seguiria um outro modo de desenvolvimento mais anárquico em aparência. O presidente Fernando Henrique fala da "desordem criativa", talvez pensando no que dizia Oswald de Andrade sobre um povo brasileiro que digere todas as culturas e acaba produzindo coisas originais.

O Brasil teria, hoje, alguma contribuição a oferecer à Europa que busca nova identidade cultural e política com o projeto de unificação?

A contribuição da mestiçagem, segundo o conceito desenvolvido por Gilberto Freyre. As sociedades europeias estão se tornando mestiças, o que se passou com o Brasil vai acontecer com a Europa. Nisso, o Brasil faz figura de um país velho, com experiências a transmitir, uma vez que conheceu a globalização de culturas desde seus primórdios. Temos, porém, que pensar na mestiçagem brasileira sem esquecer que, sendo admirável sob muitos aspectos, ela, ligada à escravidão, quase não alterou a posição do negro. Na Europa o problema da mestiçagem se coloca de modo diferente, com outros pressupostos históricos. Por isso, o Brasil não poderá constituir propriamente um modelo para nós, mas um exemplo rico de elementos para a reflexão. (Napoleão Saboia e Anita Clemens)

Inocentes, nus, ferozes e antropófagos

Na Europa do século 16, explica o professor Bartolomé Bennassar, da Universidade de Toulouse, os símbolos das origens do Brasil se situavam ou se dividiam entre o paraíso e o inferno

Numa relação de trocas altruísticas, o Brasil, aos 500 anos de idade, tem a oferecer à Europa o senso do convívio inter-étnico autêntico e alegre, enquanto a Europa pode ajudar o Brasil a buscar o caminho da justiça.

Ao formular a proposta em entrevista ao *Caderno de Sábado*, o historiador francês Bartolomé Bennassar, professor catedrático da Universidade de Toulouse, lembra que a criação da Universidade de São Paulo, nos anos 30, com a participação de humanistas franceses e euro-

peus, já se inseria dentro desse espírito de cooperação mútua. "O que se pretendia com a criação da USP", ele precisa, "era a formação de elites dirigentes capazes de viabilizar a instauração de autêntica democracia no Brasil".

Discípulo de Fernand Braudel, autor de ampla e reputada obra sobre diferentes aspectos da história da Espanha, romancista (com seis títulos publicados até agora), professor-visitante de universidades do mundo inteiro, Bennassar acaba de publicar em Paris *História do Brasil, 1500-2000* (Editora Fayard) em parceria o historiador Richard Marin.

Qual foi a influência do "achamento" do Brasil sobre a Europa?

Os primeiros escritos portugueses sobre a descoberta, completados pelo testemunho de Vespucci, revelaram à Europa uma humanidade que viria a ser a brasileira, cujo traço distintivo era a nudez integral, mas impregnada de inocência. Na metade do século 16, impôs-se na Eu-

ropa a idéia de que a natureza edênica, paradisíaca do Brasil se opunha sua humanidade diabólica, isto por causa da revelação de um canibalismo "ordinário", porém ritualizado. Tal impressão foi reforçada pelas gravuras em madeira que acompanhavam a publicação de *Nus, Ferozes e Antropófagos*, do alemão Hans Staden, um dos grandes best sellers do século 16. Frei Vicente de Salvador iria também abundar na tese da diabolização, estimando que, escorraçado da Europa pelo cristianismo, o satanaz havia se instalado vitoriosamente na América e particularmente no Brasil. Mas muitos outros testemunhos, como o de Jean de Léry, sugerem uma realidade bem mais matizada. Em suma, no imaginário europeu do século 16, 17 os símbolos das origens do Brasil se situavam ou se dividiam entre o paraíso e o inferno.

E hoje, como a Europa vê o Brasil?

A Europa continua conhecendo

mal o Brasil. As imagens que dele se propaga são sempre simples, superficiais, destinadas a produzir um impacto de mídia - a alegria do Carnaval e as favelas, a paisagem do Rio e as enchentes, a Amazônia e a destruição da floresta - e assim por diante. Nem mesmo o tão idolatrado futebol brasileiro foi até hoje tratado de maneira consequente no seus aspectos menos superficiais, como o de fator encorajador da mestiçagem, da ascensão social, elemento importante da consciência nacional. Em suma, parece que nossa visão contemporânea do Brasil ainda se alimenta de uma espécie de resíduo daquele imaginário do século 16, que tomava o paraíso e inferno como expressões permanentes e contraditórias do país.

Escorraçado da Europa pelo cristianismo, o satanaz havia se instalado na América, particularmente no Brasil

O que lhe pareceria mais chocante nesse desconhecimento?

Entre tantos, o fato de a Europa em geral e a França em particular não terem uma idéia menos vaga e imprecisa do que representa, hoje, o Estado de São Paulo na Federação brasileira e na América Latina. É incompreensível que a mídia europeia, em seus programas de documentários, ainda não tenha se interessado pelos elementos que constituem a identidade de São Paulo, seu dinamismo econômico e cultural, a reputação de suas universidades, a qualidade de vida nas pequenas e médias cidades do interior paulista, comparável ao nível europeu. Há todo um trabalho de informação a ser feito nesse terreno. Mas, alargando a perspectiva um pouco mais, o ideal seria que, pelos 500 anos da descoberta, uma iniciativa de alcan-

ce idêntico ao da criação da Universidade de São Paulo nos anos 30, da qual participaram vários professores franceses, fosse lançada agora para lastrear a retomada de uma cooperação cultural mais estreita entre a França, a União Europeia e o Brasil.

Qual contribuição o Brasil tem a oferecer à Europa em sua busca de uma nova identidade política e cultural no seu atual processo de unificação?

O Brasil sempre foi, desde de seus primórdios, um laboratório da mundialização. Ele encarna o processo de mestiçagem mais completo realizado até hoje no planeta, reunindo ameríndios, europeus, africanos, asiáticos. Um processo não apenas étnico, mas também social e cultural, como o evidenciam a arte barroca de Minas, o catolicismo brasileiro, a arte figurativa, o futebol. Porém, ao mesmo tempo e contrastados, registramos o agravamento das desigualdades sociais no país, o que leva a próprio presidente Fernando Henrique a reconhecer que "o Brasil não é um país subdesenvolvido, mas um país injusto". Para concluir diria que, numa relação de trocas altruísticas, o Brasil tem a oferecer à Europa o seu senso do convívio inter-étnico harmônico e alegre, enquanto a Europa pode ajudar o Brasil a buscar o caminho da justiça. Aliás, foi dentro desse espírito que humanistas franceses como Braudel, Lévi-Strauss, Roger Bastide, Monbeig, cujas obras iriam lhes conferir uma celebridade mundial, desembarcaram em São Paulo nos anos 30, para participar da fundação da USP na esteira da campanha promovida pelo jornal *O Estado de S. Paulo*. O que se pretendia, com a criação da universidade, era precisamente a formação de elites dirigentes capazes de viabilizar a instauração de uma autêntica democracia no Brasil. (N. S. e A. C.)



A ALEGRIA, A FESTA, O RISO: 'Dança Tapuia', de Albert Eckhout, óleo sobre madeira

'Águas são muitas, infundas. Em tal maneira é graciosa que, querendo aproveitar, dar-se-á nela tudo; por bem das águas que tem'

(Pero Vaz de Caminha)

A PRIMEIRA MISSA, de Cândido Portinari: foi depois da descoberta do Brasil que a Europa tomou de verdade consciência do 'Novo Mundo'



A incrível superioridade da imaginação brasileira

O antropólogo Claude Lévi-Strauss diz como viu, em sua passagem pelo Brasil, na condição de professor na USP nos anos 30, as novidades européias sendo detectadas, adotadas e ultrapassadas no Brasil

Por Napoleão Soboia e Anita Clemens

"Foi no Brasil que eunasci para a etnologia!", exclama Claude Lévi-Strauss, 92 anos, para sugerir a medida de sua convicção na capacidade de o Brasil, com sua "explosão de criatividade", contribuir na redefinição da identidade cultural e política da Europa no seu atual processo de unificação.

Integrante da missão francesa que participou da criação da Universidade de São Paulo, nos anos 30, professor do Collège de France, membro da Academia Francesa, o "papa" da etnologia contemporânea aponta como outra referência da imaginação inventiva do Brasil a obra de Mário de Andrade: "Só hoje é que nos damos conta, por exemplo, do quanto a literatura de Mário era de vanguarda uma vez comparada com o que se escrevia na Europa da época."

No plano geopolítico, o mestre francês observa que a Europa deveria se servir, no seu projeto de unificação, do exemplo do Brasil, "esse artifício de uma admirável unidade nacional, que se mantém intacta e orgânica apesar das desigualdades regionais vertiginosas".

Lévi-Strauss tratou da atualidade brasileira e européia no decorrer de uma entrevista sobre o impacto causado pelo descobrimento do Brasil na Europa do século 16 e a percepção que os europeus têm hoje do Brasil, quinhentos anos após a expedição de Cabral.

O que a Europa ganhou ou "descobriu" com a descoberta do Brasil?

Creio que foi essencialmente por intermédio do Brasil que a Europa tomou de verdade consciência do "Novo Mundo". O que me impressiona, quando leio os autores antigos, é o fato de que nos anos seguintes à chegada de Cabral uma intensa atividade se instalou nas costas brasileiras. Desde os primeiros tempos, pois, os portugueses, os franceses e outros europeus serviram de intermediários nas relações dos índios com os novos navegadores que chegavam. Temos aí o fenômeno de um mundo que, longe de permanecer desconhecido, isolado, se agitou e se ativou desde a primeira hora. Dessa maneira, uma vulgarização de conhecimentos, digamos, sobre o Brasil e sobre os índios ocorreu muito rapidamente na Europa. Claro, quando comparamos os textos dos primeiros viajantes, como André Thevet, Jean de Léry, com os de outros navegantes e também com os testemunhos indi-

retos dos que não viajaram — como Montaigne —, verificamos que todos contam quase a mesma coisa sobre o Brasil e o índio. Por isso, eles eram acusados com frequência de se copiarem. O essencial é que um sistema de informantes, de intermediários, funcionou desde o início, fazendo com que conhecimentos elementares sobre as realidades brasileiras e ameríndias se tornassem rapidamente uma espécie de patrimônio pan-europeu.

Quais foram as consequências do descobrimento? A expedição de Cabral modificou em alguma coisa as mentalidades na Europa da época?

Curioso, nos anos seguintes à viagem de Colombo, a Europa pouco reagiu ao acontecimento. Parecia prevalecer o sentimento de que aquilo não significava grande coisa, afinal, as narrativas da antiguidade já evocavam aventuras do gênero, a existência de populações desconhecidas. Somente na segunda metade do século 16 — e de modo progressivo — é que o impacto das Américas se fez sentir profundamente. A Europa tomou então consciência de que só representava uma parte da humanidade.

O Brasil ocupa, hoje, no mundo inteiro, a primeira posição em matéria de estudos etnológicos

E a parte do Brasil nessa visão?

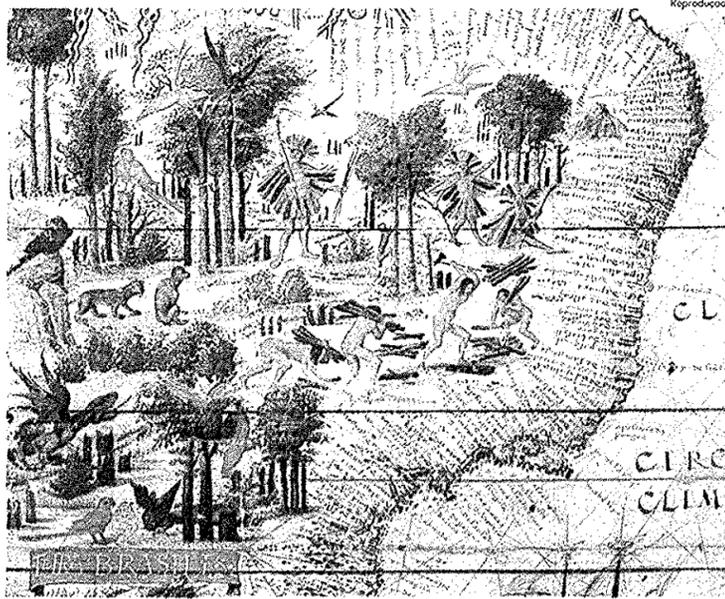
Penso que um dos pontos mais fortes nesse capítulo está expresso na intensidade da produção literária européia sobre o Brasil do século 16. Tivemos os franceses — Thevet, de Léry e outros —, depois surgiram os cronistas-missionários portugueses — Anchieta, Cardim, Magalhães Gandavo, Nóbrega e Soares de Souza, entre tantos. Aí temos o acervo literário sobre o qual repousa todo o pensamento filosófico da Europa a partir da segunda metade do século 16.

Desses livros fundadores, o sr. destacaria quais?

Sempre reservei lugar especial para *Histoire d'un voyage en terre de Brésil*, de Jean de Léry, porque não se trata apenas de um grande livro de etnografia, como também de uma obra prima literária. O que ele descrevia e que se situava a dez mil quilômetros continua sendo, quatro séculos depois, extraordinário. É como se fosse uma feitiçaria! Léry nos faz reviver no presente um espetáculo formidável. Pelo seu texto, nós descobrimos o Brasil, a fauna, a flora, a baía da "França Antártica", ou seja, a do Rio de hoje. O olhar de Léry guarda um frescor admirável! Em suma, a leitura de Léry me ajudou a escapar de meu século, a retomar contato com o que eu chamaria de super-realidade, que não é aquela dos surrealistas, mas uma realidade bem mais real ainda do que a que testemunhei no Brasil Central dos anos 30. Léry viu coisas inestimáveis, que não têm preço, porque as viu pela primeira vez 400 anos atrás!

Material para um filme?

Sem dúvida, como eu já havia sugerido



A 'TERRA BRASILIS': mapa de Lopo Homem (com Pedro de Jorge Reinel), 1515-1519

do em *Tristes Trópicos*. É estranho que até hoje ninguém tenha pensado em realizar o grande filme que merece a aventura de Villegagnon tal como Léry a descreve. É uma história apaixonante, com todos os ingredientes da epopéia: peripécias dramáticas, paisagens grandiosas, personagens fascinantes, tem de tudo aí.

O mito do "bom selvagem" iria se formar a partir de Léry?

Não. Léry fez um sucesso imenso, seu livro teve edições sucessivas, mas o mito que culminou com a filosofia das Luzes foi fruto, como as Luzes, de influências diversas. Nos Estados Unidos, o "nobre selvagem" constituiu verdadeira ideologia.

Cinco séculos após a descoberta, como o sr. pensa que a França e a Europa pensam o Brasil? Alguns dizem, como Clemenceau, que o Brasil "é um país de futuro e assim permanecerá"?

Os franceses do século 19 eram muitos irônicos e conscientes de sua superioridade em relação aos outros povos. Enfim, não se pode, contudo, esquecer que a França e o Brasil estabeleceram vínculos estreitos, primeiro por intermédio de Auguste Comte e, depois, houve toda a influência de Pasteur.

O sr. acha que houve uma evolução na percepção européia do Brasil?

Em meu domínio, a etnologia, a presença do Brasil se faz sentir profundamente. Na verdade, a etnologia praticamente não existia quando cheguei em São Paulo nos anos 30. O que havia nessa área se encontrava nas mãos de velhos filólogos, preocupados essencialmente com a gramática da língua geral, com o tupi-guarani, mas que não realizavam pesquisas de campo. Mais uma vez não hesito em repetir: o Brasil ocupa, hoje, no mundo inteiro, a primeira posição em matéria de estudos etnológicos.

Mas nos programas escolares de base, em particular no curso secundário, o Brasil só é estudado em geografia como nos seus tempos de colégio, mestre...

Creio que a posição do Brasil no ensino dos meus tempos de liceu era muito pior do que hoje. Para mim, o Brasil era um país mítico, sobre o qual eu não tinha qualquer espécie de noção. Apressei-me em reduzir minha ignorância do país, porém ela permanece grande até hoje.

A seu ver, a fecundidade do Brasil no campo etnológico entraria na categoria mais abrangente da criatividade brasileira, da faculdade do país de produzir novos conhecimentos, novas formas de ação para se construir?

Essa criatividade e a busca de uma posição de frente já eram impressionantes quando morei em São Paulo. As grandes novidades européias eram logo detectadas, adotadas, ultrapassadas em larga escala nas transformações operadas pela imaginação brasileira. Só hoje é que nos damos conta, por exemplo, do quanto a obra de Mário de Andrade era de vanguarda uma vez comparada com o que se escrevia na Europa da época.

O que acha das teorias segundo as quais a criatividade brasileira decorre da mestiçagem de raças e culturas?

Há um duplo sentido na memória do que vivi a respeito da miscigenação brasileira. De um lado, ela ocupava lugar de destaque na ideologia dominante, mas, reverso da medalha, era despojada de um objetivo, servindo apenas para mascarar diferenças econômicas profundas. Em suma, o que nos Estados Unidos era formalizado numa linguagem de raça se via traduzido no Brasil somente e mais ou menos numa linguagem de classe.

O Brasil pode oferecer à Europa muito dos frutos de sua inteligência e imaginação nos diferentes setores de atividade

Na dinâmica da globalização, o que o Brasil poderia oferecer à Europa?

É no Brasil que se faz, hoje, o que há de melhor no mundo no campo de minha especialização — estudos e pesquisas de etnologia. O país já oferece essa contribuição muito relevante. Não posso ajuizar as possibilidades em outras áreas do conhecimento, mas essa espécie de criatividade que se observa no Brasil deve contagiar as outras disciplinas próximas da minha. Quanto à globalização, não sou muito entusiasta dela. Em todo caso, penso que dentro de tal tendência o Brasil, esse país enorme, tão diverso em suas paisagens geográficas e humanas, artifício de uma admirável unidade nacional — que se mantém intacta e orgânica, apesar das desigualdades regionais vertiginosas —, pode servir de exemplo à Europa agora, no momento em que esta busca na unificação uma nova identidade política. Enfim, o Brasil que me fez nascer para a etnologia, pode oferecer à Europa muito dos frutos de sua inteligência e imaginação nos diferentes setores de atividade.

Napoleão Soboia é jornalista e escritor e Anita Clemens é pesquisadora da Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales

Uma nova visão do Brasil

O mundo, segundo o ex-ministro Celso Furtado, passou a ter uma outra opinião sobre nosso país depois que nossas realidades ficaram melhor conhecidas

O Brasil passou a gozar de maior reconhecimento internacional ao colocar os valores de sua cultura popular acima dos modelos adotados por suas elites europeizadas. Ao mesmo tempo, a imagem do país ultrapassou os limites do pitoresco porque suas realidades se tornaram mais conhecidas.

Já registradas pelas suas próprias experiências, essas observações do ex-ministro da Cultura e economista de prestígio internacional, Celso Furtado, são expressas igualmente por historiadores, cientistas sociais e políticos europeus nas entrevistas que concederam ao *Caderno de Sábado* a propósito dos 500 anos do descobrimento. Ao ler as entrevistas, Furtado ficou particularmente impressionado com a visão otimista dos especialistas europeus sobre o Brasil quinhentão.

O que lhe ficou da leitura dessas entrevistas?

Lévi-Strauss foi o mais arguto observador da formação do povo brasileiro. A história do Brasil não tem muita originalidade: uma colônia de plantação num território que se expande. A originalidade está no povo brasileiro: caldeamento de etnias, religiões, culturas, instituições num espaço sem fronteiras, que produziu uma civilização com notória especificidade.

Os especialistas focalizam o Brasil sob diferentes aspectos, mas chegam a muitos pontos comuns. Entre esses pontos, o que lhe pareceu mais relevante?

Impressiona a visão otimista que têm esses estudiosos da realidade brasileira: um conglomerado humano que se encaminha neste decênio para 200 milhões de indivíduos e marcado por um sentimento de identidade difícil de explicar em face das notórias desigualdades sociais, que aliás esses especialistas salientam.

Comparando sua experiência de professor da Sorbonne nos anos 60 e 70 com as de seus colegas franceses, britânicos e alemães, hoje, o sr. acha que melhorou o nível de conhecimento dos estudantes europeus sobre o Brasil?

Sem lugar a dúvida, melhorou o nível de conhecimento da realidade brasileira que se tem na Europa. Os documentários que passam na televisão já não se limitam ao pitoresco, e o número de pessoas que viajam cresceu enormemente. Mais ainda: o número de especialistas europeus, tanto graduados como professores, que fazem estágios nas universidades, tem aumentado.

O que poderia ser feito para melhorar a difusão de conhecimentos sobre o Brasil na Europa?

No passado, cometeu-se muito o erro de tentar mostrar que temos valores culturais comparáveis aos da Europa. Hoje, já sabemos que temos valores distintos e, por isso, contribuímos para enriquecer o patrimônio da humanidade. Não são mais os valores que uma elite europeizada exibiu, e sim os do povo, os que se manifestam em criações artísticas reconhecidas e admiradas em todo o mundo. (N. S. e A. C.)